

A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA DE WILLIAM BLAKE EM OBRAS DE ALAN MOORE

Suellen Cordovil da Silva (UFSM)¹

Resumo: Os trabalhos artísticos de William Blake (1757-1827) são reinterpretados em novos contextos atualmente. Dessa forma, acompanha-se uma nova recepção crítica a respeito das obras iluminadas de Blake e suas relações com outras obras de autores diferentes. Por isso, verifica-se evidências dos escritos de Blake em trabalhos de Alan Moore entre outros autores. Para amparar teoricamente a análise das duas obras sob o viés da tradução intersemiótica apresenta-se uma revisão bibliográfica de alguns teóricos os quais são: Peirce (1975), Lucia Santaella (1990), Jakobson (2007) e Plaza (2008).

Palavras-chave: Tradução intersemiótica; William Blake; Alan Moore.

Introdução

O método de impressão de William Blake tem sido reinterpretado em novos contextos artísticos atualmente, dessa forma acompanha-se uma nova recepção crítica a respeito de suas obras poéticas e artísticas. Essa interdisciplinaridade nos trabalhos blakeanos compõe um laço entre o visual e o textual que atrai diversos artistas da atualidade à se debruçarem sobre suas gravuras e recriarem novas possibilidades de interpretação em suas artes em diversos contextos, como, por exemplo em quadrinhos, cinema e no formato televisivo.

Essa comparação entre a literatura e os ambientes fílmicos, por exemplo, apontam uma discussão amparada sobre os estudos da tradução intersemiótica que tratará da linguagem da literatura inglesa e seu diálogo comparativo com a cinematografia. Além disso, conhecer o campo teórico dos estudos de adaptação, e reinterpretar as visões sobre a fidelidade quando se avalia o contexto da literatura e televisão.

Temos várias séries que atualizam as obras de William Blake, como, por exemplo, em *The Frankenstein Chronicles* que os diretores transcriam uma nova realidade da obra *The Little Girl Lost* em uma história encadeada com outros personagens da literatura nas telas da televisão. Com isso, esse percurso de comparação entre os dois contextos repensa-se com o embasamento dos estudos de tradução numa abordagem intersemiótica estudada

¹ Graduada em Letras (UFPA), Mestre em Teoria Literária (UFPA), Doutoranda em Letras (UFSM). Contato: sue_ellen11@yahoo.com.br

por Jakobson e Peirce entre outros, visando interpretar esses diálogos dos signos nesse meio de produção como de re-produção da obra, conforme Plaza Julio apresenta:

Tradução como prática crítico-criativa na historicidade dos meios de produção e re-produção como leitura, como metacriação, como ação sobre estruturas eventos, como diálogo de signos como síntese e reescritura da história. Quer dizer: como pensamento em signos, como trânsito dos sentidos, como transcrição de formas na historicidade.²

A tradução como apontado por Julio Plaza trata de uma nova prática criadora e fluida a historicidade proporcionando um novo horizonte de síntese da literatura em um novo contexto, mas sem perder a proposta de um intercâmbio entre os signos artísticos e sua recriação da arte para uma nova atualização crítica. Neste presente projeto de pesquisa propõe-se em analisar a literatura blakeana por meio da tradução intersemiótica em especial nas séries de televisivas.

Estudarei as obras de Alan Moore a partir da noção blakeana de “interação dinâmica”, na qual diversas linguagens energizam-se mutuamente no processo de sua criação e de sua interpretação. Descrevo abaixo esse conjunto artístico e os autores que, ao produzirem suas obras no século 19, lançaram luzes interpretativas e conceituais ao século seguinte.

Tradução intersemiótica

Para Lucia Sataella em 1983 em seu livro *O que é semiótica?*, ela conceituou a semiótica. Nöth (2005) confirma que a semiótica é uma ciência dos estudos sobre o signo e dos processos significativos (semiose) na natureza e cultura. O autor apresenta as origens das ciências do signo, e tenta explicar sobre como surgiu a tendência da doutrinação do signo, como uma semiótica *avant la lettre*.

A semiótica teve seu início com o filósofo John Locke (1632-1704). Em seu ensaio *Essay on human understanding* (1690) apresentou uma doutrina dos signos com o nome Semeiotiké, enquanto que o Johann Heinrich Lambert (1728-1777) em 1764 trabalhou com um tratado ou proposta mais específica sobre os signos. Essa espécie de tratado intitulou *Semiotik*. A semiótica geral tem o seu ancestral mais antigo com a

² PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2001.

história da medicina; o médico Galeno de Pérgano (139-199), tratava a diagnóstica como “a parte semiótica” (semeiotikón meros) da medicina.

No século XVIII os estudos da medicina usava as terminologias da sem(e)iologia como alternativa da semiótica, em alguns momentos trabalhava com as variações do sentidos. Em 1625, Scipio Claranonti, investigou uma espécie de semiótica da moral. A medicina de hoje não utiliza esses termos da semiótica, mas, sim sintomatologia. Esse conceito do (o que é a semiótica?), no Dicionário Aurélio verificamos que é uma arte de comandar manobras militares por meio de sinais e não da voz.

No século XVII, John Wilkins (1614-1672) desenvolveu no seu livro *Mercury: on the secret and swift Messenger*, 1641, o conceito de semaologia (semiótica) para tratar de uma linguagem secreta por códigos e gestos (WILKINS, 1641, p.8). Em relação a terminologia da palavra semiótica, desenvolveu-se na Grécia com o grego semeion, que significa signo, e sêma pode ser sinal ou signo também.

Nos séculos XVII e XVIII, a semântica estava relacionada com os estudos semióticos. Sematologia era o nome dado por Benjamin Humphrey Sinart em seu tratado em 1831. Karl Bühler influenciou Roman Jakobson que empesou o termo sematologia como um estudo geral dos signos.

Charles Sanders Peirce (1839-1914) usava o termo *semiotic*. Em 1964, a palavra “semióticas” ou “semiotics” passou a ser utilizada por T. A. Sebiok et al na obra *Approaches to semiotics*. Mais tarde Charles Sanders Peirce (1839-1914) começa a reorganizar o pensamento sobre os estudos do signo. Ele compreende que a teoria dos signos comportaria três elementos sígnicos: o *representamen*, o objeto e o interpretante.

Os conceitos de semiótica e semiologia são diferentes, porém eles são conceitos em divergência. O termo semiologia foi usado por muitos e dedicada para o quadro do linguista Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev ou Roland Barthes e por Greimas. Hjelmslev procurou diferenciar a semiótica da semiologia.

A semiótica trabalha com a língua em um código em trânsito entre outros signos próximos da linguagem. A semiologia é a teoria geral da metalinguística. Essa diferença ficou estabelecida de modo oficial por Roman Jakobson, em 1969, na Associação Internacional de Semiótica sobre a proposta da semiótica como uma forma de investigação oriunda das tradições semiológicas e da semiótica geral.

Os estudos da tradução intersemiótica tratarão de questões sobre os signos na linguagem, como, por exemplo, a relação da literatura inglesa e a sua tradução por meio do cinema e seus processos de transposições. A relação de um texto com outro texto é

nosso interesse neste artigo. Além de conhecer sobre os signos que estão em transposição de um contexto para o outro. Dessa forma, verificamos a importância dos estudos da tradução intersemiótica para analisarmos a linguagem dos signos.

Jakobson em seu livro *Linguística e Comunicação* aborda sobre três formas de tradução, conforme afirma “Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais.”³ Para chegar a isso, Roman Jakobson⁴ distingue três espécies de tradução, que são: a ‘tradução intralingual’ ou ‘reformulação’ (em inglês ‘rewording’); a ‘tradução interlingual’, de uma para outra, ou ‘tradução propriamente dita’; a ‘tradução intersemiótica’, que consiste na interpretação dos signos linguísticos por meio de sistemas de signos não linguísticos nesta abertura, ou seja, não é exclusivamente uma obra literária ou estética, porém necessária dentro de um contexto histórico e cultural.

A tradução intralingual trata-se de o uso de sinônimos, como, por exemplo, uma palavra usar outra para expressar um significado equivalente. O interlingual não tem um sinônimo exato em outra língua, porém as mensagens podem ser expressas adequadamente em outro sistema de códigos, como afirma que: “..ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras outra língua”⁵.

Por fim, a tradução intersemiótica composta de uma transposição de um sistema de signos para um outro diverso de modo diferente do verbal, como por exemplo, a música, a dança, o cinema ou a pintura. Além disso, o autor acredita que qualquer experiência pode ser traduzida, como afirma:

Toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios.⁶

Jakobson foi influenciado em suas pesquisas pela abordagem de Charles Sanders Peirce. Peirce foi um cientista e dedicou-se pelos estudos da fenomenologia, ciências normativas (Estética, ética, semiótica ou lógica) e a metafísica. Roman Jakobson (1896-

³ JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix.1999. p.64.

⁴ JAKOBSON, Roman. *Aspects linguistiques de la traduction*. In.: *Essais de linguistique générale*, Trad. Nicolas Ruwet. Paris: Édition de Minuit, 1963. p. 17-86.

⁵ JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix.1999. p.65.

⁶ JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix.1999.p.67.

1982) procurou interpretar a tradução intersemiótica. Ela significa uma transposição de um signo verbal para o não verbal em linhas gerais. Jakobson estudou as teorias de Charles Sadiers Pierce sobre a semiótica. Essa transposição de um signo em um trabalho artístico para outra obra se tornou uma espécie de recriação para outros teóricos, como, Haroldo de Campos e Julio Plaza.

Júlio Plaza utiliza desses pensamentos de Jakobson para entender a tradução intersemiótica por uma nova teorização. Júlio Plaza trata de uma proposta interdisciplinar com a imantação da linguagem visual entre outros contextos oriundos da linguagem verbal sendo transposta.

William Blake e seus métodos de impressão

Por volta de 1784 William Blake abriu uma oficina de impressão e venda de gravuras financiada pelo reverendo Mathew e pela sua mulher Harriet, em parceria com James Parker. Blake tinha habilidade com as técnicas de reprodução de texto e imagem. Ele teve a oportunidade de desenvolver o desejo de elaborar suas artes, por meio do seu domínio da técnica de gravação a água-forte em relevo.

Ele pretendia elaborar uma relação entre o artista e o meio sem precedentes nos processos gráficos do século XVIII. Essa era uma época em que a gravação e as obras em papel, como a aquarela, eram consideradas uma forma de arte secundária relativamente à pintura a óleo e em que se adivinhava já a industrialização da imprensa.

Blake tinha um radicalismo político intenso. Ele perdurou com esse radicalismo durante os anos que antecederam a revolução francesa. Ele não era a favor o iluminismo racionalismo, a religião institucionalizada, e a tradição do casamento em sua forma legal e social convencional.

O poeta publicou quase todas as suas obras, por meio de um processo original em que os poemas foram gravados à mão. Durante esse método ele incluía ilustrações e imagens decorativas, em placas de cobre. Seu trabalho já estava transposto entre a imagem e palavras, possuíam uma certa magia. O signo transpassava de um ambiente para outro em um mesmo trabalho. As placas de cobre foram cobertas para fazer cópias, e as cópias foram coloridas por dentro como pinturas. Este método de produção oneroso e trabalhoso trouxe em uma circulação bastante limitada da poesia de Blake durante sua vida.

Ele também disponibilizou um conjunto de grandes desafios para pesquisadores do trabalho de Blake, para aqueles que têm interesse como críticos literários e historiadores de arte. Os trabalhos Blakeanos são artes em relação constante entre a imagem e os poemas. Durante sua própria vida, Blake não obteve sucesso com seus públicos da sua época.

Alan Moore: Um escritor ou mago?

Alan Moore nasceu em Northampton em 18 de novembro de 1953 é um escritor britânico conhecido principalmente por seu trabalho em histórias em quadrinhos, incluindo obras que estiveram adaptadas para o cinema, como *Watchmen*, *V for Vendetta* e *From Hell*. Os trabalhos de Alan Moore ressaltam que ao longo de sua carreira se influenciou pelos trabalhos de William Blake.

O autor Alan Moore que utiliza ao longo de seus trabalhos elementos de William Blake considera seus trabalhos de Histórias em Quadrinhos com parte de sua magia. O que é magia para Moore? Ele compreende que a linguagem carrega seu poder no âmbito de afetar a realidade.

Nesse sentido a consciência e a imaginação humana se embalam com o mundo para ele e os deuses habitam em nossas mente. Trata de um conceito de “cobravidia” que retoma entre Lua e a Serpente ou Selene e Glycon e ao próprio William Blake. No seu grupo chamado *Grã Teatro Egípcio das Maravilhas da Lua e da Serpente* funciona como uma espécie de sociedade secreta formada por Steve Moore, Tim Perkins, David J., John Coulthart e Melinda Gebbie. Moore é um dos defensores da arte pela arte, ou seja, a literatura pela literatura como um ofício para uma meta-linguagem. Ele afirma que a arte refere-se a si mesma, como um signo em si mesma. Ele propõe uma espécie de anatomia da arte, bem representado em *O Monstro do Pântano*.

Considerações Finais

O processo de relação entre a imagem e linguagem numa espécie de meta-linguagem proposto por Alan Moore é uma características dos trabalhos de William Blake. Neste breve trabalho pretendemos revisitar alguns conceitos de Tradução intersemiótica e relacionar a importância dos autores ingleses William Blake e Alan

Moore neste artigo. Nossa pesquisa de tese se encontra em estágio inicial e pretendemos estudar mais profundamente a relação dos dois autores em outros trabalhos vindouros.

Referências bibliográficas

BLAKE, William. **THE WILLIAM BLAKE ARCHIVE**. Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/>>. Acesso em: 11 de setembro 2017.

JAKOBSON, Roman. Aspects linguistiques de la traduction. In.: **Essais de linguistique générale**. Trad. Nicolas Ruwet. Paris: Édition de Minuit, 1963.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1ª Edição. 2003.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1999.